

## **O PEDAGOGO(A) NA BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: O BRINCAR COMO PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO DAS CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES**

### **THE PEDAGOGIST IN THE HOSPITAL TOY LIBRARY: PLAYING AS A PROCESS OF HUMANIZING PRE-SCHOOL CHILDREN**

### **EL PEDAGOGO EN LA JUGUETERÍA DEL HOSPITAL: EL JUEGO COMO PROCESO DE HUMANIZACIÓN DEL PREESCOLAR**

Cristina Maiyumi Ardenghi Yoshimoto<sup>1</sup>  
Darlene Novacov Bogatschov<sup>2</sup>  
Luana Graziela da Cunha Campos<sup>3</sup>

**Resumo:** Este texto tem por objetivo refletir sobre a atuação do pedagogo em brinquedotecas hospitalares intencionando o desenvolvimento do psiquismo das crianças hospitalizadas. Muitas crianças permanecem um longo período internadas e ficam afastadas das atividades escolares, justifica-se essa investigação pela importância de proporcionar oportunidades para o desenvolvimento psíquico de crianças hospitalizadas. Para tanto, expressa-se o quantitativo de brinquedotecas hospitalares na região noroeste do estado do Paraná e à luz da teoria Histórico-Cultural discute-se aspectos sobre a atuação do pedagogo nas brinquedotecas. Conclui-se que a ação planejada do(a) pedagogo(a) na brinquedoteca hospitalar é fundamental na continuidade do desenvolvimento da criança hospitalizada.

**Palavras-chave:** Organização do ensino. Desenvolvimento do psiquismo. Educação infantil. Jogos de papéis.

<sup>1</sup>Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6750-4639>. E-mail: [ra111799@uem.br](mailto:ra111799@uem.br)

<sup>2</sup> Doutoranda em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Docente do Departamento de Pedagogia / Campus de Cianorte da Universidade Estadual de Maringá (UEM). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6072-2174>. E-mail: [dnbogatschov@uem.br](mailto:dnbogatschov@uem.br)

<sup>3</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Docente do Departamento de Pedagogia / Campus de Cianorte da Universidade Estadual de Maringá. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5128-7855>. E-mail: [luanagrasiela02@gmail.com](mailto:luanagrasiela02@gmail.com)

**Abstract:** This text aims to reflect on the performance of the pedagogue in hospital toy libraries with the intention of developing the psyche of hospitalized children. Many children remain hospitalized for a long period and are away from school activities, this investigation is justified by the importance of providing opportunities for the psychological development of hospitalized children. To this end, the number of hospital toy libraries in the northwest region of the state of Paraná is expressed and, in the light of the Historical-Cultural theory, aspects of the role of the pedagogue in toy libraries are discussed. It is concluded that the planned action of the pedagogue in the hospital toy library is fundamental in the continuity of the hospitalized child's development.

**Keywords:** Organization of teaching. Development of the psyche. Child education. Role games.

**Resumen:** Este texto tiene como objetivo reflexionar sobre la actuación del pedagogo en las ludotecas hospitalarias con la intención de desarrollar el psiquismo de los niños hospitalizados. Muchos niños permanecen hospitalizados por un largo período y están alejados de las actividades escolares, esta investigación se justifica por la importancia de brindar oportunidades para el desarrollo psicológico de los niños hospitalizados. Para ello, se expresa el número de ludotecas hospitalarias en la región noroeste del estado de Paraná y, a la luz de la teoría Histórico-Cultural, se discuten aspectos del papel del pedagogo en las ludotecas. Se concluye que la actuación planificada del pedagogo en la ludoteca hospitalaria es fundamental en la continuidad del desarrollo del niño hospitalizado.

**Palabras-clave:** Organización de la enseñanza. Desarrollo de la psique. Educación Infantil. Juegos de rol.

**Submetido:** 07/01/2023

**Aceito:** 17/03/2023

**Publicado:** 20/03/2023

## Introdução

O brincar nos hospitais é considerado como amenizador da situação traumática ou usado como forma de adaptação e comunicação com a criança, é preciso ampliar a reflexão a respeito da função das brinquedotecas hospitalares e dos profissionais que ali atuam. Em âmbito acadêmico-científico, pesquisas como a de Silva e Paula (2010), apontam a relevância do brincar como forma de amenização do sofrimento com a internação, assim como o papel dos profissionais da saúde e psicólogos. Todavia, não há destaque para o aspecto humanizador do brincar ou sobre a continuidade do desenvolvimento psíquico da criança hospitalizada; e, no âmbito profissional, não se destaca o papel e a atuação do pedagogo nas brinquedotecas hospitalares. Por tais motivos o objetivo desse artigo é refletir sobre a atuação do pedagogo(a) nas brinquedotecas hospitalares com o objetivo de dar continuidade ao desenvolvimento psíquico e humanização de crianças pré-escolares hospitalizadas.

A pesquisa fundamenta-se na Psicologia Histórico-Cultural, pois essa considera que o desenvolvimento do psiquismo humano está diretamente ligado as condições histórico-sociais concretas, sendo “[...] fundamental considerar o lugar ocupado pela criança nas relações sociais e as condições históricas concretas em que seu desenvolvimento se desenrola” (PASQUALINI, 2009, p. 33). Como explicita Elkonin (2009) o desenvolvimento humano acontece por meio das relações sociais que a criança estabelece com seu meio social, econômico, histórico e cultural.

Destaca-se a explicação de Pasqualini (2009, p. 39) ao esclarecer sobre a “situação social de desenvolvimento” que considera ser “[...] a relação que se estabelece entre a criança e o meio que a rodeia, que é peculiar, específica, única e irrepetível em cada idade”, em outras palavras, é a relação estabelecida pela criança com a realidade concreta em que está inserida. De acordo com Pasqualini (2009), este conceito pode ser considerado como o princípio das transformações que ocorrem em cada período, da mesma forma que é determinante da maneira e da trajetória que provoca na conquista de propriedades da personalidade; uma vez que a realidade social é a verdadeira fonte de desenvolvimento há a possibilidade de que a dimensão social se torne característica individual. Pasqualini (2009) explica sobre a Lei do Desenvolvimento Humano na qual se considera que o psiquismo humano se forma em um movimento da dimensão intersíquica (interpessoal) para a intrapsíquica (intrapessoal).

Ao pensar no aspecto social, entende-se que a criança hospitalizada tem uma situação social de desenvolvimento excepcional que deve ser considerada como o ponto de partida para

se pensar a atuação do pedagogo nas brinquedotecas hospitalares com o intuito de dar continuidade ao processo de humanização das crianças.

É preciso compreender que o psiquismo humano se desenvolve a partir da atividade social do sujeito, que é mediada por instrumentos ou signos construídos histórica e socialmente. Desta forma, o psiquismo é uma construção em si da realidade material, em outras palavras, é o reflexo subjetivo da realidade objetiva; sendo que as formas superiores de comportamento humano têm origem nas relações entre os homens que se convertem em funções psíquicas da personalidade (FACCI, 2004). Para tornar-se humano é preciso apropriar-se destes conhecimentos e comportamentos superiores, entretanto, estes não chegam ao indivíduo particular sem a ação da instrução por alguém que já os domine. Desta forma, há uma subordinação dos processos biológicos ao desenvolvimento cultural, pois a cultura modifica o comportamento humano, originando as formas especiais de conduta e, portanto, as atividades que desenvolvem as funções psíquicas superiores.

Para esta concepção, distinguem-se as funções psíquicas elementares, que são aquelas comuns entre animais e humanos, como a memória e percepção involuntárias; e as funções psíquicas superiores, que são as exclusivamente humanas como a memória e percepção voluntárias, a consciência, a imaginação, a linguagem e outras (PASQUALINI, 2009).

Considerando o desenvolvimento cultural das funções psíquicas superiores Vigotski, Leontiev postularam a importância do brincar no desenvolvimento do psiquismo. Mas foi Elkonin, a partir do conceito de atividade principal de Leontiev, quem sistematizou a periodização do desenvolvimento em relação direta com a atividade principal. Importante destacar que a atividade principal (ou atividade guia, ou atividade dominante) não é a atividade de maior tempo de execução, mas sim a de maior significado para o desenvolvimento psíquico, como explicou Leontiev (2010).

Partindo desses pressupostos busca-se mostrar que, mesmo em hospitalização, o processo de humanização das crianças em Idade Pré-Escolar não deve ser interrompido. Compreende-se que a brinquedoteca hospitalar é o local para a continuidade desse processo, contudo, é preciso um profissional que tenha sólido conhecimento tanto a respeito do desenvolvimento infantil como da organização de atividades que o favoreçam a partir da apropriação dos bens culturais elaborados historicamente.

Para tanto, o artigo está assim organizado: 1) as Brinquedotecas Hospitalares na região noroeste e oeste do estado do Paraná em funcionamento no período de 2017 a 2021 e sobre como elas são constituídas; 2) a importância do brincar como meio de desenvolver o psiquismo e o processo de humanização para as crianças de idade pré-escolar segundo a Psicologia Histórico-cultural; 3) a atuação do pedagogo nas Brinquedotecas Hospitalares visando não somente amenizar o sofrimento, mas favorecer o desenvolvimento psíquico e a humanização da criança.

### **As brinquedotecas hospitalares na região noroeste do estado do Paraná no período de 2017-2021**

A brinquedoteca hospitalar surgiu no ano de 1956, mais precisamente na Suécia, quando a pediatra Dra. Yvonny Lindquist tentou introduzir o trabalho com brinquedos para as crianças hospitalizadas no Departamento de Pediatria do Hospital de Umeo (CUNHA, 2020a). Contudo, de acordo com a autora, essa ideia não foi aceita por causa do medo de atrapalhar os médicos e enfermeiras em suas funções. Contudo, a pediatra persistiu no trabalho lúdico o que revelou, posteriormente, que aquelas crianças que brincavam estavam se recuperando mais rápido.

Segundo Cunha (2020a), somente após algum tempo, com o apoio do Dr. John Lind, presidente da Associação Sueca de Pediatria, a terapia pelo brinquedo foi introduzida e divulgada no Hospital Karolinska, de Estocolmo (maior hospital pediátrico da Suécia). Ulteriormente, o Ministério da Saúde e Bem-Estar Social da Suécia propôs que essa terapia fosse um direito reconhecido, tornando-se uma lei no ano de 1977.

No Brasil, a brinquedoteca hospitalar foi criada baseando-se em pesquisas que defendiam a “[...] eficácia do brincar para proporcionar crescimento e desenvolvimento saudável às crianças, inclusive hospitalizadas” (COSTA et al, 2014, p. 214), durante a década de 1980. Com a finalidade de ser um espaço onde a criança pudesse “[...] expressar, por meio das brincadeiras e jogos de papéis, seus desejos, fantasias, imaginação, medos, ansiedades e inseguranças geradas pela doença e internação, que afetam sua saúde biológica, psíquica e social” (COSTA et al, 2014, p. 214).

No Brasil, as brinquedotecas hospitalares são regulamentadas pela Lei nº 11.104 de 21 de março de 2005 e pela Portaria nº 2.261 de 23 de novembro de 2005 que aprova o Regulamento que estabelece as diretrizes de instalação e funcionamento das brinquedotecas nas

unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. Ambas tratam de sua obrigatoriedade nos hospitais que contêm atendimento pediátrico e apresentam diretrizes para a sua instalação e funcionamento. No entanto, ainda não está definida pela legislação quais os profissionais que devem atuar nas brinquedotecas hospitalares, pois afirma-se que não se trata da contratação de determinado profissional, mas de uma equipe multidisciplinar. Tal fato pode ocasionar na ausência de pedagogos nesses ambientes e, consequentemente, o desconhecimento deste campo de atuação da pedagogia.

A coleta de dados a respeito das brinquedotecas hospitalares existentes no noroeste e oeste do estado do Paraná no período de 2017 a 2021, revelou a existência de oito brinquedotecas hospitalares, em uma região que abrange 209 municípios. No Hospital Santa Casa de Campo Mourão existia uma sala que continha um teatro de fantoches e brinquedos disponíveis para as crianças que podiam sair dos leitos, sendo os profissionais atuantes, estagiários do curso de Pedagogia. No entanto, teve que ser fechada devido a Pandemia da Covid-19, pois a ala de pediatria foi transferida para a ala da maternidade, desta forma não havia espaço para a brinquedoteca.

No Hospital Municipal de Maringá Thelma Villanova Kasprovicz, em que há uma brinquedoteca, que devido a pandemia da Covid-19 não está em funcionamento, pois as crianças não podem circular pelos corredores. Neste hospital as enfermeiras levam alguns brinquedos para as crianças em seus leitos. A brinquedoteca é um quarto cedido pelo hospital com brinquedos velhos e no momento não há profissional para atuar nela.

No Hospital Universitário Regional de Maringá há uma sala adequada com móveis, televisão, estante de livros e um espaço aberto anexo. A brinquedoteca fica disponível durante as vinte e quatro horas do dia para que as crianças possam utilizá-la, sendo que as atividades dirigidas acontecem de duas a três vezes na semana no período da tarde. Os profissionais atuantes são os professores vinculados ao projeto e estagiários de pedagogia, letras, artes visuais e educação física. Assim como as outras brinquedotecas hospitalares, teve suas atividades suspensas por causa da pandemia da Covid-19.

No Hospital UOPECCAN de Cascavel há uma sala grande com brinquedos e televisão e um solário, sendo que a profissional atuante é professora. No Hospital Universitário do Oeste do Paraná, localizado na cidade de Cascavel, há uma estrutura que contêm duas salas e uma área externa. A primeira sala e a área externa ficam abertas o tempo todo para que as crianças

possam utilizá-la; na sala há mesinhas e um balcão com brinquedos diversos e na área externa há um parquinho e motinhas. Na segunda sala o funcionamento acontece das 07:30 horas até as 18:00 horas; há livros, materiais pedagógicos, computadores, jogos e é o local onde acontece o atendimento pedagógico. O atendimento é realizado por estagiárias da pedagogia e professores do SAREH que atuam no atendimento educacional.

No Hospital São Francisco não há um espaço específico, e alguns brinquedos estão disponibilizados em um canto do *hall* de entrada. Não há profissionais para o ambiente, sendo as técnicas em enfermagem ou os pais que acompanham as crianças. O Hospital Instituto Policlínica de Pato Branco possui uma brinquedoteca, no entanto está desativada por causa da Covid-19. Por isso, não há muitas informações sobre esta brinquedoteca. O Hospital Ministro Costa Cavalcanti, situado em Foz do Iguaçu, já teve uma brinquedoteca, mas devido a pouca demanda de atendimento pediátrico no setor Oncológico, a brinquedoteca foi desativada e adaptada para uma sala da família que contém alguns livros.

Tais dados foram coletados no sentido de revelarem quais profissionais atuam nas brinquedotecas hospitalares, contudo, observou-se que existem poucas brinquedotecas em uma região que atende um grande número de cidades. Quanto aos profissionais que atuam nas brinquedotecas verificou-se que há a presença de estagiários da pedagogia em poucas brinquedotecas e que a maioria são voluntários ou profissionais da área da saúde (técnicos de enfermagem, por exemplo).

### **O brincar no desenvolvimento psíquico e humanização das crianças da Idade Pré-Escolar**

Para Vigotski (2008, p. 35), o brincar é a “[...] fonte do desenvolvimento e cria a zona de desenvolvimento iminente”. É a partir do brincar que a criança pode ultrapassar simples manipulação de objetos, tornando-se protagonista do movimento de apropriação da cultura humana (HAI; BALDAN, 2018). Segundo Vigotski (2008) na primeira infância a ação da criança está presa às situações perceptivas imediatas e no brincar a criança não age com base no que vê, mas com base no significado da situação levando a divergência entre o campo ótico e o semântico; assim, ao operar com os sentidos das coisas, a criança está trilhando o caminho para o pensamento abstrato. E, de acordo com Elkonin (2009, p. 327), o processo de substituição de objetos e significados é importante, “[...] tanto para aprender a ler como para assimilar os rudimentos da aritmética é preciso compreender que o signo significa uma certa realidade”.

Ao analisar o desenrolar da brincadeira, Vigotski (2008) afirma que a criança cria uma situação imaginária<sup>4</sup>, sendo este quesito utilizado para distinguir a brincadeira das outras atividades que realiza. Ainda segundo o autor, o movimento da brincadeira inicia-se com a situação imaginária, que no começo é muito próxima da situação real, parecendo mais com uma recordação do que imaginação.

Com o desenvolvimento da brincadeira, há a tomada de consciência do objetivo dela. Para Leontiev (2010), a criança que brinca tem refletido em sua consciência a imagem real do objeto, o conteúdo da ação que está reproduzindo e a imagem do objeto da ação, mas não de uma forma fantástica. A ação, a operação e a imagem são reais, a imaginação permite a criança usar um objeto como se fosse outro. Vigotski (2008), afirma que a atividade com situação imaginária liberta a criança das amarras situacionais, ou seja, é por meio da brincadeira que a criança aprende a agir de acordo com o que tem em mente, e que não está visível, apoiando-se em tendências e nos motivos internos.

Com base nos estudos sobre Elkonin, Hai e Baldan (2018) afirmam que o brincar é imprescindível para o desenvolvimento do psiquismo dos pré-escolares e constatou que ele tem origem histórico-social e é caracterizado por ser social, cooperativo e de reconstituição das relações sociais. Em síntese, na Idade Pré-Escolar o desenvolvimento do brincar encontra-se nas relações sociais e nas atitudes da criança frente ao papel e as regras inerentes a ele.

De acordo com Moya, Sforzi e Moya (2019), essa forma de brincar é a mais desenvolvida da atividade lúdica, pois nela acontece a reconstituição, pela criança, da atividade social que está representando, ou seja, as ações que os adultos realizam com os objetos humanos.

Neste sentido, os estudos de Elkonin (2009) destacam quatro níveis de desenvolvimento do brincar. O primeiro tem seu conteúdo central “[...] constituído principalmente pelas ações com determinados objetos dirigidas ao companheiro de jogo” (ELKONIN, 2009, p. 295-296), ou seja, este nível se concentra na ação, no objeto e no papel interpretado, contudo, não se importa com a sequência da vida real, sendo suas ações repetitivas e impulsivas, que não

---

<sup>4</sup> Para o autor, a situação imaginária sempre foi analisada como um dos tipos de brincadeira, sendo colocada em segundo plano. Isso decorre de três momentos: 1) uma abordagem intelectualista da brincadeira; 2) a ideia de brincadeira como um processo cognitivo; 3) e a necessidade de desvendar o que essa atividade promove em sentido de desenvolvimento.



seguem uma lógica, há a infração das regras implícitas ao papel, assim como, as crianças não se colocam como representantes de um papel com relações típicas da vida, ou seja, ainda não se denominam como médico ou educadora durante o jogo (HAI; BALDAN, 2018).

O segundo nível de desenvolvimento do brincar tem como conteúdo fundamental a ação com o objeto, e “[...] Os papéis são denominados pelas crianças” (ELKONIN, 2009, p. 296). A representação do papel é reduzida à execução de suas ações, mas a criança já obedece a ordem de execução. Tal fato revela a necessidade de a criança se aproximar cada vez mais da atividade real, assim, há um maior número de ações que precedem e sucedem a ação principal, como acontece na vida real (HAI; BALDAN, 2018).

O terceiro nível de desenvolvimento do brincar tem como conteúdo fundamental “[...] a interpretação do papel e a execução das ações dele provenientes” (ELKONIN, 2009, p. 297). Neste nível começa a se destacar as ações transmissoras do caráter das relações com os companheiros de jogo. Os papéis estão bem delineados, sendo determinados antes do início do brincar e são eles que encaminham o comportamento da criança durante o jogo; a criança se submete às regras, sendo as infrações percebidas mais facilmente e corrigidas; surge a fala teatral dirigida ao companheiro de jogo, de acordo com o papel representado por ambos; e suas ações ganham uma variedade maior (HAI; BALDAN, 2018).

O quarto nível de desenvolvimento do brincar tem como conteúdo fundamental “[...] a execução de ações relacionadas com a atitude adotada em face de outras pessoas cujos papéis são interpretados por outras crianças” (ELKONIN, 2009, p. 298). Os papéis estão definidos claramente, tendo uma nitidez da linha de conduta e o caráter teatral da fala, além das ações reproduzirem a lógica concreta da vida real, sendo múltiplas, com regras observadas pela criança em destaque e a ênfase de ações dirigidas aos outros personagens do jogo (HAI; BALDAN, 2018). Nesse a infração da lógica das ações e das regras é repelida.

Elkonin (2009) destaca que a passagem do primeiro para o segundo nível está marcada pela correlação entre o modelo e suas ações reais, ou seja, as ações protagonizadas tem uma maior correspondência com a realidade. A passagem do segundo para o terceiro nível acontece quando há a divisão de mais papéis, por meio da relação com outros participantes. Este terceiro nível se diferencia dos anteriores quando as ações objetivas que constituem o conteúdo do brincar passam para segundo plano e as funções sociais das pessoas sobem para primeiro. E a transição

do terceiro para o quarto nível acontece ao passo em que há maior correspondência entre as relações lúdicas e as reais. Para Elkonin (2009, p. 301),

No fundo, temos duas fases fundamentais, ou dois estágios, do desenvolvimento do jogo. Na primeira (de 3 a 5 anos), o conteúdo fundamental do jogo são as ações objetais, de orientação social, correspondentes à lógica das ações reais; na segunda (de 5 a 7 anos), as relações sociais estabelecidas entre as pessoas e o sentido social de sua atividade, correspondentes às relações reais existentes entre as pessoas.

O segundo e o quarto níveis são semelhantes, sua diferença encontra-se na correspondência com a realidade, o segundo nível se relaciona com a lógica externa das ações e o quarto nível com a lógica das relações sociais autênticas e seu sentido social. O desenvolvimento do brincar na criança em Idade Pré-Escolar revela que durante o brincar a criança aprende a ter consciência de suas ações, das ações dos adultos representados e do significado social de cada objeto, ou como aponta Vigotski (2008) o brincar cria uma nova relação entre a situação pensada e a situação real.

Dado que, a humanização ocorre com a apropriação da cultura e dos instrumentos produzidos pelo homem; na infância, essa apropriação ocorre por meio do brincar com situação lúdica, quando a criança observa o modo de agir dos adultos e estabelece relações de raciocínio entre as ações que realiza; assim, ela mobiliza suas funções psíquicas superiores, a imaginação, atenção voluntária, percepção e pensamento. Além disso, Elkonin (2009) destaca que a mudança na conduta da criança no brincar, precisa renunciar seus desejos momentâneos para seguir as regras e favorecer o desenvolvimento da personalidade.

Logo, os jogos de papéis são uma forma de aprendizagem, de compreensão do mundo humano e apropriação da cultura. Para que o processo de humanização ocorra é preciso apresentar o mundo de forma sistemática e em todas as suas nuances, cores, cheiros, texturas e sons, pois assim a criança poderá brincar e atuar como um adulto (HAI; BALDAN, 2018). É importante ressaltar o papel do adulto nesse processo, de forma a guiar, instigar e ensinar a criança a conhecer esse mundo, para, então, compreender a realidade concreta em suas múltiplas determinações. O brincar só pode ser considerado uma atividade revolucionadora do desenvolvimento infantil quando são guiadas pelo ato intencional do ensino.

### **O(A) Pedagogo(a) na brinquedoteca hospitalar**

Partindo das seções anteriores, defende-se a permanência do pedagogo como profissional fundamental na brinquedoteca hospitalar com a finalidade de promover o processo de humanização das crianças em Idade Pré-Escolar. No Brasil, mesmo com a Lei nº 11.104 de 2005, não há uma especificação do perfil dos profissionais que devem atuar na brinquedoteca hospitalar ou da sua formação. De acordo com Silva e Paula (2014), o mais preocupante é que não há exigência de um profissional na Brinquedoteca Hospitalar que possa conduzir as atividades pedagógicas.

Dessa maneira, a Portaria nº 2.261 de 2005, já citada, não especifica o profissional que deve atuar neste ambiente, dispõe de apenas um artigo sobre este assunto, no qual consta: “[...] a qualificação e o número de membros da equipe serão determinados pelas necessidades de cada instituição, podendo funcionar com equipes de profissionais especializados, equipes de voluntários ou equipes mistas” (BRASIL, 2005b, p. 2).

As brinquedotecas hospitalares existentes, segundo Silva e Paula (2014), funcionam precariamente, com falta de recursos, escassez de profissionais qualificados e resistência em reconhecer este direito das crianças e adolescentes. As autoras ainda destacam que mesmo a brinquedoteca hospitalar sendo um local de atuação do professor pedagogo, não há disciplinas na graduação que formem adequadamente o profissional para trabalhar nesse espaço, pois muitas vezes, os currículos dos cursos de Pedagogia contemplam pouca ou nenhuma discussão sobre a temática hospitalar, ficando a cargo dos projetos de extensão proporcionarem essa formação. Isto acontece, majoritariamente, porque ainda é pouco conhecido pelas instâncias educacionais de formação pedagógica, há pouco campo de atuação para os egressos do curso de pedagogia e, conseqüentemente, pouco explorado como um espaço de aprendizagem para a atuação do professor.

A grande maioria das brinquedotecas hospitalares funcionam com estagiários e voluntários. De certa forma é positivo, pois como grande parte dos cursos de Pedagogia focalizam apenas à docência, a brinquedoteca hospitalar torna-se um ambiente de formação na extensão. Mas, também negativo, visto que, não se vê a necessidade de contratar profissionais qualificados para atuarem nestes locais (SILVA; PAULA, 2014). Isso foi observado na breve pesquisa de campo no estado do Paraná como exposto na primeira seção.

O profissional qualificado para atuar nas brinquedotecas hospitalares necessita ter uma formação teórica adequada, pois "[...] o brincar é essencial ao pleno desenvolvimento do ser humano" (CUNHA, 2020, p. 77). Entende-se que este profissional deva ter em seu currículo cursos de formação que contemple "[...] o desenvolvimento infantil, as diversas teorias sobre o brincar e o jogo, brincadeiras e jogos tradicionais, seleção e exploração de brinquedos e noções básicas sobre o funcionamento e organização de Brinquedotecas" (CUNHA, 2020, p. 77).

Em relação ao atendimento de crianças hospitalizadas, o profissional deve ter, também, conhecimentos sobre as razões que levaram as crianças ao hospital, às suas particularidades e sobre a doença, o prognóstico e o tratamento recebido, para assim, poder compreendê-las e saber quais cuidados tomar na Brinquedoteca (CUNHA, 2020). É importante, também, considerar os aspectos psicológicos, as condições físicas, os limites e as características de cada criança; pois, a sua recuperação depende do atendimento proporcionado a ela.

Em outras palavras, este profissional precisa saber brincar, saber conduzir e planejar as brincadeiras em situações inusitadas, ter senso crítico, afeto e imaginação e saber amenizar a dor e o medo da estadia no hospital, humanizando o ambiente (SILVA; PAULA, 2014). Contudo, pontuamos a necessidade de também ter como objetivo a humanização da criança no sentido de favorecer o desenvolvimento das funções psíquicas superiores pela apropriação dos bens culturais.

Segundo Silva e Paula (2014), o brincar é muito importante, principalmente para a criança hospitalizada, auxilia no tratamento, na aceleração da recuperação, na expressão de emoções e na aprendizagem de experiências. Conforme as autoras, a criança em situação de internação encontra-se fragilizada, sendo essencial que ela perceba que existem pessoas interessadas nela e em seu desenvolvimento (SILVA; PAULA, 2014).

Neste momento, há a necessidade de diferenciar as duas formas de humanização citadas no texto. Há a humanização do ambiente, que seria a atuação na diminuição dos efeitos da doença e do tratamento, proporcionando o aumento da autoestima tanto das crianças hospitalizadas quanto de seus acompanhantes (SILVA; PAULA, 2014). E, a humanização no sentido do desenvolvimento integral da criança, em outras palavras, seria a atuação do pedagogo com o objetivo de dar continuidade ao desenvolvimento psíquico da criança durante o período que se encontra em situação de internação.

Esse segundo significado de humanização, segundo Pasqualini (2010, p. 170), ocorre quando a criança ao percorrer o seu processo de desenvolvimento, "[...] assimila as formas sociais da conduta e as transfere para si mesma". Em outros termos, significa que a criança está se apropriando da cultura, dos objetos especificamente humanos, e desenvolvendo as formas superiores de seu psiquismo. A autora ainda afirma que a apropriação da cultura acontece por meio da atividade que a criança executa, assim, se "[...] não forem garantidos processos educativos que tenham por finalidade promover a apropriação de formas superiores de conduta, a criança não incorporará tais funções em seu psiquismo" (PASQUALINI, 2010, p. 172).

Marcolino, Barros e Mello (2014), afirmam que o brincar é a atividade que insere a criança de idade pré-escolar na sociedade e promove a sua humanização, pois é “[...] fruto da relação entre a criança e o adulto, mais precisamente, da influência educativa que os adultos exercem na relação com a criança” (MARCOLINO; BARROS; MELLO, 2014, p. 99). Isto é, compreendem que os adultos ao promoverem a atenção educativa de ensinar as formas de uso social dos objetos, também ensinam, conscientemente ou não, as formas de relacionamento entre as pessoas.

Pasqualini (2010) destaca que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores depende da mediação do adulto por meio do ensino. O processo de desenvolvimento começa com os adultos atuando com a criança, produzindo sua interação com seu entorno e os conhecimentos construídos historicamente, depois a criança atua sobre os demais e, por fim, ela atua sobre si mesma. “[...] Conclui-se, assim, que o desenvolvimento das diversas funções psíquicas superiores tem como condição uma operação cultural organizada, em princípio, pelo adulto [...]” (PASQUALINI, 2010, p. 176).

Ainda de acordo com a autora, estudar o conteúdo da própria atividade infantil em desenvolvimento permite a compreensão do papel condutor da educação. Possibilita subsídios ao educador para que possa intervir de forma mais precisa e eficaz no desenvolvimento psicológico da criança. Sendo que o papel do trabalho educativo é a operação precisa da atividade da criança e de sua atitude diante do mundo, para então, determinar o psiquismo e a consciência dela. Em síntese,

[...] o professor é compreendido como aquele que transmite à criança os resultados do desenvolvimento histórico, explicita os traços da atividade humana cristalizada nos objetos da cultura – mediando sua apropriação – e

organiza a atividade da criança, promovendo assim seu desenvolvimento psíquico (PASQUALINI, 2010, p. 189).

Pasqualini (2010) ressalta que o professor deve dirigir racionalmente o processo de desenvolvimento infantil. Essa direção do processo não deve reprimir a criatividade, iniciativa ou liberdade da criança. O professor deve conhecer verdadeiramente o processo de desenvolvimento infantil para estabelecer objetivos pedagógicos adequados e organizar as atividades pedagógicas com fins de promover o desenvolvimento.

Sendo o brincar a atividade principal da idade pré-escolar e pensando nas restrições que a criança hospitalizada está submetida, a brinquedoteca hospitalar é o espaço ideal para que o processo de desenvolvimento da criança não se interrompa. É um espaço que favorece o desenvolvimento da criança, possibilita a saúde tanto mental e do organismo da criança quanto para confrontar os problemas e desafios.

O brincar não é um passatempo, pelo contrário, é uma atividade que pode promover o desenvolvimento integral da criança quando bem-organizada pelo pedagogo (SILVA; PAULA, 2014). Entende-se que

[...] O Pedagogo é o profissional preparado na teoria e na prática para conduzir as crianças no brincar que é realizado dentro da Brinquedoteca Hospitalar. O planejamento é essencial neste trabalho, pois ajuda o Pedagogo a prever as ações para que o brincar não seja vazio e apenas um passatempo (SILVA; PAULA, 2014, p. 7).

Sendo a função do professor no brincar a complexificação dos conteúdos, o pedagogo(a) na brinquedoteca hospitalar deve organizar ações que mobilizem as crianças a se envolverem na atividade humana, especialmente, as desenvolvidas no hospital. Na brinquedoteca hospitalar pode-se propor o brincar de médico e paciente ou de algo relacionado ao contexto hospitalar.

Também apresentar obras literárias que estimulem o brincar por meio dos comportamentos e relações sociais dos personagens (MOYA; SFORNI; MOYA, 2019). Dessa forma, os personagens se tornam o modelo da ação da criança, dando-lhe motivos para realizar a ação. Este ponto é interessante, principalmente quando se trata de uma brinquedoteca hospitalar, onde as crianças têm uma certa limitação para conhecer outros lugares. Assim, quando conhecem outra realidade por meio das obras literárias, podem enriquecer o brincar. Pasqualini (2010), postula que a intervenção do adulto na brincadeira também pode ocorrer por

meio de seleção de temas, de distribuição de papéis ou de sugestão dos acessórios que devem ser utilizados.

Para Marcolino, Barros e Mello (2014, p. 102), o papel do pedagogo na atuação com crianças de idade pré-escolar é o de “[...] proporcionar condições para que essa atividade seja rica e diversificada”, promovendo o enriquecimento do jogo de papéis, por meio da ampliação do conhecimento das crianças sobre o seu entorno, sobre as relações sociais e a atividade humana, intervindo através da apresentação de objetos, de cenários e das ações e relações sociais, que numa brinquedoteca hospitalar pode se dar pela contação de histórias, como já dito no texto. Da mesma maneira que é fundamental a criação de condições para que a atividade se desenvolva com qualidade, sendo função do pedagogo a organização e o uso dos ambientes e a gestão do tempo. Em outras palavras, é importante, também, higienizar os brinquedos diariamente e organizar o espaço, desenvolvendo atividades diárias, semanas temáticas e eventos comemorativos que integrem outros setores do hospital (FARENZENA, 2020).

Ao final da idade pré-escolar inicia-se as premissas da atividade de estudo, mesmo que ainda não seja a atividade principal. Segundo Pasqualini (2010), inicialmente, a instrução surge no brincar, ou seja, a instrução está ligada à brincadeira. Ainda conforme a autora, propor atividades com o objetivo de adquirir conhecimentos e habilidades, é um aspecto fundamental para a preparação para a escola, uma vez que, “[...] o desenvolvimento da criança no início da escola depende em grande medida do grau de preparação com que chega a ela, o que, por sua vez, é determinado pela educação na primeira infância e na idade pré-escolar” (PASQUALINI, 2010, p. 187). A autora ainda conclui afirmando que na idade pré-escolar amplia-se tanto os motivos quanto às necessidades da criança, o que promoverá as habilidades cognitivas que se desenvolverão na idade escolar.

Enfim, compreende-se que a brinquedoteca hospitalar necessita de pedagogos que atuem diariamente e que tenham formação sólida para que a brincadeira promova o sentimento de segurança nas crianças (SILVA; PAULA, 2014), mas também o desenvolvimento psíquico delas. Para tanto é preciso a organização das ações e do tempo, da complexificação dos conteúdos e da proposição de temas.

### Considerações finais

As brinquedotecas são espaços que foram criados com o intuito de favorecer a brincadeira, estimular a socialização, possibilitar o empréstimo de brinquedos e promover o desenvolvimento integral da criança. E para atender as diferentes crianças e suas demandas, surgiram diversos tipos de brinquedotecas, como as Brinquedotecas Hospitalares.

O surgimento desse tipo de brinquedoteca está relacionado com o experimento da Dra. Yvonne Lindquist, que incluiu o brincar na rotina das crianças hospitalizadas e, após algum tempo, percebeu que elas estavam se recuperando mais rápido. Ao ser difundida para o mundo, em solo brasileiro, foi criada com o objetivo de ser um espaço, em que por meio do brincar, as crianças em situação de internação pudessem expressar seus desejos, medos e inseguranças.

Assim como, havia a defesa da efetividade do brincar em proporcionar o desenvolvimento infantil, foi criada a Lei nº 11.104 de 2005, que determinou a obrigatoriedade da brinquedoteca em unidades de saúde que ofertem atendimento pediátrico. No entanto, como não estabelece sua regulamentação, foi necessária a Portaria nº 2.261 de 2005 que institui as diretrizes de instalação e funcionamento desses locais. Este último documento trata do objetivo, das diretrizes, do dimensionamento, do espaço físico, do financiamento e sobre os profissionais. Contudo, não há caracterização do perfil do brinquedista ou de sua formação. Como resultado, muitas brinquedotecas hospitalares operam com estagiários e voluntários.

Esta pesquisa defendeu a atuação de profissionais qualificados nas brinquedotecas hospitalares, que tenham algumas qualidades pessoais e formação teórica que contemple o desenvolvimento infantil e suas teorias sobre o brincar, o conhecimento sobre a seleção e exploração de brinquedos e a compreensão da organização e do funcionamento destes locais. Desta forma, sustentou-se o pedagogo como profissional que deve atuar nas brinquedotecas hospitalares com o objetivo de humanização, tanto o ambiente quanto as crianças.

No texto, diferenciou-se as duas formas de humanização, sendo a do ambiente aquela relacionada a diminuição dos efeitos da doença e da internação. E a humanização da criança, que é a continuidade do processo de desenvolvimento infantil. Sobre este assunto, defendeu-se a concepção de desenvolvimento da Psicologia Histórico-cultural.

Nesta perspectiva, entende-se a humanização como a apropriação dos objetos e fenômenos históricos e formas sociais de conduta. Por conseguinte, o desenvolvimento é motivado pelo contexto em que se vive e pelos adultos que o cercam, o que se relaciona ao



conceito de situação social de desenvolvimento, ou seja, a relação entre a criança e o ambiente que é única e irrepetível conforme destacou Vigotski. Desse modo, este conceito pode ser usado como ponto de partida para a atuação do pedagogo em brinquedotecas hospitalares. Em resumo, esta concepção de desenvolvimento pressupõe que é necessária a mediação, pois entende que as funções psíquicas superiores só se desenvolvem em uma relação interpessoal para depois se tornar intrapessoal.

Ao pensar em uma criança de idade pré-escolar, seu desenvolvimento psíquico ocorre, fundamentalmente, por meio de sua atividade principal que é a brincadeira ou jogo de papéis. Esta tem como conteúdo central as relações sociais e a atividade do homem, sendo seu tema variável. O desenvolvimento da brincadeira está relacionado com as ações dos adultos com os quais a criança se relaciona e com a sua necessidade de agir sobre o mundo real.

Neste sentido, compreende-se que a atuação do pedagogo está associada a complexificação e enriquecimento do conteúdo do jogo, promovendo ações que mobilizem o envolvimento das crianças em atividades humanas e estimulando as ideias que tem sobre a realidade. Como por exemplo, a utilização de obras literárias. Assim como, o pedagogo deve atuar dirigindo racionalmente o processo de desenvolvimento infantil, mas sem reprimir a criatividade ou liberdade da criança. Bem como, criando condições de desenvolvimento da brincadeira, a partir da organização dos ambientes e gestão do tempo.

Em suma, conclui-se que o profissional qualificado para atuar nas brinquedotecas hospitalares é o pedagogo, uma vez que, é ele que tem o conhecimento necessário para promover o processo de humanização das crianças através da brincadeira. A ausência do pedagogo gera a falta de conhecimento e discussão sobre esta área de atuação, assim como, o conceito de brincar e de humanização acabam sendo substituídos pela amenização do trauma gerado pelo ambiente hospitalar. Desta forma, por sua formação, acredita-se que o pedagogo deve ser o profissional da brinquedoteca por ter conhecimento capaz de dar continuidade ao processo de humanização das crianças hospitalizadas, conforme Silva e Paula (2014) na brinquedoteca hospitalar, o brincar tem função lúdica e educativa. Portanto, o objetivo da brinquedoteca hospitalar deve ultrapassar o alívio ao sofrimento e ser um espaço de desenvolvimento das funções psíquicas superiores e de auxílio no processo de aprendizagem, por meio do trabalho lúdico e pedagógico. Entende-se que esse texto apresenta discussões que acrescentam sobre a atuação do pedagogo nas brinquedotecas hospitalares, no entanto, como

outras pesquisas, não esgota toda a temática, mas contribui para que outras pesquisas sejam realizadas.

## Referências

- BRASIL. **Lei nº 11.104, de 21 de março de 2005**. Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. Brasília, 21 mar. 2005a. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/lei/111104.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/111104.htm). Acesso em: 28 de ago. 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 2.261 de 23 de novembro de 2005b**. Disponível em: [http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2005/prt2261\\_23\\_11\\_2005.html](http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2005/prt2261_23_11_2005.html). Acesso em: 28 de ago. 2023.
- COSTA, S. A. F. *et al.* Brinquedoteca Hospitalar no Brasil: Reconstruindo a História de Sua Criação e Implantação. **Hist. Enferm., Revista eletrônica (HERE)**, p. 206-223, 2014. Disponível em: <http://here.abennacional.org.br/here/vol5num2artigo4.pdf>. Acesso em: 03 de set. 2023.
- CUNHA, N. H. S. Brinquedista Hospitalar. *In*: VIEGAS, D. (org.). **Brinquedoteca hospitalar: isto é humanização**. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2020b. p. 77-78.
- CUNHA, N. H. S. O significado da Brinquedoteca Hospitalar. *In*: VIEGAS, D. (org.). **Brinquedoteca hospitalar: isto é humanização**. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2020a. p. 73-76.
- ELKONIN, D. B. O desenvolvimento do jogo na idade pré-escolar. *In*: ELKONIN, D. B. **Psicologia do jogo**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 233-396.
- FACCI, M. G. D. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 24, n. 62, p. 64-81, abr. 2004. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 14 jun. 2023.
- FARENZENA, R. C. Espaço Lúdico de Atendimento Pedagógico à Criança Hospitalizada. *In*: VIEGAS, D. (org.). **Brinquedoteca hospitalar: isto é humanização**. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2020. p. 161-162.
- HAI, A. A.; BALDAN, M. As contribuições de D.B Elkonin para a educação de crianças menores de 05 anos: o jogo protagonizado como eixo articulador do trabalho pedagógico na primeira infância. *In*: SOUZA, M. P. R.; BEATÓN, G. A.; BRASILEIRO, T. S. A.; SHIMA, S. M. B. **Temas escolhidos na psicologia histórico-cultural: interfaces Brasil-Cuba**, 21. ed. Maringá: Eduem, 2018. p. 183-192.
- LEONTIEV, A. N. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. *In*: VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**, 11. ed. São Paulo: Ícone, 2010. p. 119-142.

- MARCOLINO, S.; BARROS, F. C. O. M.; MELLO, S. A. A teoria do jogo de Elkonin e a educação infantil. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 97-104, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/yPJRxRsQfQtNGMBKPGG8ym/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 26 out. 2022.
- MOYA, D. J.; SFORNI, M. S. F.; MOYA, P. T. TEMAS E CONTEÚDO DO JOGO DE PAPÉIS: sinalizando caminhos para a atuação pedagógica com a atividade lúdica na educação infantil. **Revista Contexto & Educação**, [S. l.], v. 34, n. 109, p. 121-133, 30 ago. 2019. DOI: 10.21527/2179-1309.2019.109.121-133. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/8751>. Acesso em 24 nov. 2022.
- PASQUALINI, J. C. A perspectiva histórico-dialética da periodização do desenvolvimento infantil. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 1, p. 31-40, jan./mar. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/RWgYCY8KJvkYfjzvDbcF3PF/abstract/?lang=pt>. Acesso em 15 ago. 2022.
- PASQUALINI, J. C. O papel do professor e do ensino na educação infantil: a perspectiva de Vigotski, Leontiev e Elkonin. In: MARTINS, L. M.; DUARTE, N. (org.). **Formação de professores: limites contemporâneos e alternativas necessárias**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 161-191.
- PRESTES, Z. A brincadeira de faz-de-conta e a infância. **Trama Interdisciplinar**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 28-39, maio/ago. 2016. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/download/9807/6068>. Acesso em 24 nov. 2022.
- SILVA, M. O.; PAULA, E. M. A. T. A Atuação do Professor Pedagogo na Brinquedoteca Hospitalar. XXI Semana da pedagogia, IX encontro de pesquisa em educação. Anais da Semana de Pedagogia da UEM (20 a 23 de maio de 2014). Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/semanadepedagogia/2014/PDF/T-02/02.pdf>. Acesso em 22 out. 2022.
- SILVA, M. O.; PAULA, E. M. A. T. A Atuação do Professor Pedagogo na Brinquedoteca Hospitalar. XXI Semana da pedagogia, IX encontro de pesquisa em educação. **Anais da Semana de Pedagogia da UEM** (20 a 23 de maio de 2014). Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/semanadepedagogia/2014/PDF/T-02/02.pdf>. Acesso em: 22 out. 2022.
- VIGOTSKI, L. S. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. **Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 23-36, jun. 2008. ISSN: 1808-6535.